

ENTRE VERSOS SAGRADOS E FORRÓS ANIMADOS: AS RELAÇÕES DE PODER E REPRESENTAÇÃO NAS FOLIAS DE REIS DE ITAGUARI-GO

Igor Junqueira Cabral¹

RESUMO. Este trabalho é uma análise da folia de reis do ponto de vista entre o sagrado e o profano, bem como isto interfere nas relações de poder e representação dos indivíduos engajados nesse processo. Utilizamos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, cujo espaço observado foi o município de Itaguari-go, onde acontece esse evento religioso, que iniciou na região desde o século XIX. Do ponto de vista teórico da história, nos deparamos com a história cultural, num diálogo na busca de analisar as narrativas do povo itaguarino, construindo uma memória dentro de um espaço de tempo, iniciando nas origens da cultura religiosa de seu povo. Os historiadores tem como ofício analisar duas modalidades, as práticas e as representações, ou seja, os dois estágios da cultura, dois momentos distintos que hora se unem, hora se separam.

Palavras Chave: Folia de Reis. Sagrado. Profano. Poder. Representações.

ABSTRACT. This work is a analyze od folia de reis, of point the view among the sacred and profane, well as this step in of relationship of power and representations the individuals engaged in this process. We use of search bibliography and of field search, whose space observed of the Itaguari city, where happens this religious event, the happens since XIX century. From the theoretical point of view of history, we come across with cultural history, dialogue in the quest to analyze the narratives of the people Itaguarino, building a memory into of space of time, beginning at the origins of the religious culture of its people. Historians have the task of analyzing two modalities, practices and representations, that is, the two stages of culture, two different moments that hour unite, hour separate.

Key-words: Folia de Reis. Sacred. Profane. Power. Representations.

¹ Graduado em História – UEG. Pós-graduado em História e Cultura do Brasil/ INTERVALE e mestrando em História pela PUC-GO. Professor na área de humanas no Ensino Médio na Rede Pública de Goiás e professor visitante na FATEG.

INTRODUÇÃO

Na necessidade humana de interagir e viver, as pessoas criam e recriam suas religiosidades, crenças, costumes, elementos pertencentes ao campo das manifestações culturais.

O homem e sua relação com as vivências e seu ofício é complementado com os momentos de lazer em festividade, manifestações que pertencem ao patrimônio imaterial de um povo, a qual identifica os sujeitos por meio de suas rezas, costumes e lendas, conjunto da fé, capaz de dar sentido as sociedades como um todo por meio das representações.

Estas representações além de dar sentido à cultura de um povo torna-se um ato da sabedoria popular, passando dos mais velhos aos mais jovens.

Trabalhamos neste artigo a manifestação cultural intitulada de Folia de Reis, ou Festa de Santos Reis, no município de Itaguari-go, evento religioso, que iniciou na região desde o século XIX, com grupos de moradores locais, que saíam em devoção nas casas, predominantemente rurais na época, pedindo ofertas e realizando cantorias, das quais através de versos abençoavam os moradores e pediam proteção para as lavouras e para a criação dos animais. Os grupos eram liderados por um capitão, ou embaixador, este tinha a função de puxar a cantoria, arranjando versos repentinos ou já memorizados e tendo os demais foliões, integrantes do grupo, formado por músicos e cantores, que o acompanhava com a repetição do verso, este ato denominado resposta, e entoado por instrumentos como caixa (espécie de tambor de percussão confeccionado em madeira e couro de animais), pandeiro, viola, violão e sanfona.

Durante anos a Folia de Reis cumpre o mesmo ritual de seguir de casa em casa com as cantorias e rezas de terços, com o passar dos anos o evento que até então tinha único caráter religioso, fora crescendo e atraindo devotos, comerciantes, turistas, e a relação com o sagrado por vezes fora se distanciando colaborando para a diversificação da festa compreendendo uma relação ao profano.

FOLIA DE REIS, UMA DESCRIÇÃO DENSA ENTRE OS ASPECTOS RELIGIOSOS E CULTURAIS



O estudo desta manifestação cultural, da qual é uma das maiores do país, está na necessidade de compreender como este evento foi responsável pela formação da identidade cultural do município, sendo hoje um marco para o povo itaguarino, tornando a cidade conhecida nacionalmente.

A participação da folia de reis na formação da identidade do povo torna-se um fato histórico, e o mesmo se tradicionaliza através dos mitos que envolvem a fé e os milagres obtidos com a graça dos reis magos.

O município de Itaguari, ainda jovem de emancipação, porém com grupos de pessoas que residem na região há mais de um século, passou por transformações socioeconômicas e culturais ao longo de sua formação. As transformações resultaram em um povo cuja a identidade tem traços de costumes antigos, tradicionalistas, regidos por dilemas patriarcais. A religiosidade sempre esteve presente no processo de construção da identidade, processo esse que fora realizado involuntariamente pelos moradores da região, sem quaisquer conhecimentos do resultado que chegaria o costume que tradicionaliza a cultura de seu povo. Dentro do campo da fé a Igreja católica atuou intimamente com os costumes do povo, ao ponto de não ser possível distinguir em saber em qual instituição social interferiu mais na outra, por vezes a Igreja na família, por outras a família da Igreja.

O resultado dessa intervenção foi uma pluriculturalidade, ao ponto que as folias surgem num universo patriarcal, onde sua influência é notada pelos versos entoados pelo embaixador, sempre cumprimentando o “chefe da casa”, depois a esposa e os filhos, a esse momento notaram a sacralidade da folia que posteriormente entra em um momento festivo, intimamente ligado ao profano, com a celebração da comida por meio da confraternização dos alimentos e forró e danças típicas como a catira, assim a folia entra nessa mistura ora religiosa, ora mundana.

Além das festas de Reis, o município de Itaguari possui outras festividades religiosas, estas realizadas unicamente pela Igreja, se não com seu aval e participação indireta, nota-se manifestações culturais populares como as de São João Batista, São Pedro, os padroeiros municipais São Sebastião e Nossa Senhora de Fátima também realizadas em junho ou julho, além de rezas de terços, algumas não possuem a participação do clero e é realizada pela comunidade leiga, ou seja, por pessoas comuns da sociedade sem vínculo de ofício para com a instituição católica.

A folia de Santos Reis é um evento de grande magnitude, religioso, cultural,

realizado nas zonas rurais e urbanas no município de Itaguari e outro limítrofe este acontece entre 25 de dezembro e 06 de janeiro, porém há grupos menores que fazem a peregrinação no mês de setembro, entretanto não pretende - se aprofundar em tais grupos.

Segundo Braga (2010), “as folias de reis é um festejo de cunho religioso cuja origem remete a Portugal, suas ligações religiosas estão no culto católico do natal.” (BRAGA, 2010, p. 10).

A Folia de Reis em Itaguari é realizada anualmente atraindo milhares de pessoas com os mais distintos objetivos, desde devotos até outros tantos que buscam a festa pela diversão, resultado dos shows e atrações artísticas que ocorrem no evento.

Porém para compreendermos a folia e seu significado, este envolto por mitos e crenças, costumes e tradições que a forma devemos remeter a uma profunda análise de todo o contexto histórico, bem como tais fatores foram determinantes para a formação da identidade cultural do povo brasileiro mais especificamente o povo itaguarino.

Do ponto de vista teórico da história, nos deparamos com a história cultural, este diálogo o qual esta pesquisa esta inserida busca analisar as narrativas do povo itaguarino, construindo uma memória dentro de um espaço de tempo, iniciando nas origens da cultura religiosa de seu povo. Os historiadores tem como ofício analisar duas modalidades, as práticas e as representações, ou seja, os dois estágios da cultura, dois momentos distintos que hora se unem, hora se separam. Na folia de reis observamos esses dois momentos bem próximos.

[...] a cultura apresenta-se como resultante de algum tipo de ação (mental, espiritual, ideológica, como queiram) das práticas culturais sobre o respectivo grupo humano considerado (nas práticas), quer em seus aspectos coletivos quer, eventualmente pelo menos, em seus componentes culturais. Trata-se, assim, da cultura como representante coletiva e também expressão de algum tipo de finalidade inerente à própria cultura (FALCON, 2002, p. 61).

Assim o que observamos na festividade de reis uma manifestação que através da própria prática resultou no elemento formador da identidade do povo.

Para a História enquanto ciência toda produção do conhecimento esta ligada às ações humanas, todas sem quaisquer exceções, qualquer produção seja material ou não, seja as crenças costumes ou valores, enfim tudo que se remete ao homem pode ser objeto para estudo no campo da História.

Para Burke (2007), tudo que possa ser aprendido ou dado a uma sociedade compreende um sistema de significados, atitudes e valores dos quais incorporam, ou seja se unem. É uma construção histórica do ponto de vista social.

Porém a narrativa histórica é construída, de acordo com os elementos culturais do povo, desta forma a teoria da história cultural é indispensável para este estudo uma vez que faremos uso dela para a elaboração da narração da história da folia de reis de Itaguari. A este modo recorreremos a Pesavento (2005) sobre a história cultural:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. [...] A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Para uma análise mais minuciosa é necessário compreender como que a folia de reis de Itaguari se encaixa no campo cultural, para isso firmamos a teoria segundo o pensamento de Vianna:

Incluem-se aí as celebrações e saberes da cultura popular: as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, os mistérios e mitos, a literatura oral e tantas expressões diferentes que fazem nosso país culturalmente tão diverso e rico (VIANNA, 2008, p. 119).

A relação entre história, cultura e sociedade, se faz através da observação e realização de uma produção acadêmica, esta decorrência de um método de pesquisa. Para isso esta pesquisa é resultado de uma descrição densa dos campos da memória e identidade do viés dos saberes populares. Este trabalho nos abriu várias variantes, entretanto buscaremos realizá-la com grande aproximação tentando observar que cada campo distinto entre si, se unem a fim de dar uma resposta coerente e pertinente ao campo da história cultural, da mesma forma como proposta por Bloch (1987).

A folia de Reis nasce como um todo na necessidade de se pagar uma promessa e acaba por se tradicionalizar com o passar dos anos, em Itaguari não foi diferente, e também a mesma intenção culminou na instalação de três grupos de folias distintos, a Folia do Brejo Grande, Folia Mineira e Folia Goiana, cada uma com suas particularidades. A Folia do Brejo Grande é o grupo mais antigo em atividade, com relatos feitos por mais velhos que a folia

existe a quase 200 (duzentos) anos seguidos pelas tradicionais folias, Goiana e Mineira, ambas com quase 100 (cem) anos de representação.

Hoje os grupos tem seu giro, nome dado a peregrinação que segue diariamente durante os festejos, marcado entre a zona urbana e a rural, entretanto no passado a predominância desse ritual era realizado apenas nas zonas longínquas do centro urbano. Devido às circunstâncias locais motivadas pelo êxodo rural, a folia teve de se adaptar a esta nova realidade de moradores e espaços.

Apesar das folias terem se adaptado ao seu novo espaço, como o público e características do papel dos foliões mais jovens, ela não deixou de perder sua essência religiosa, ao menos não por completo, os rituais que predominavam as folias ainda enquanto espaço no mundo camponês permanecem vivos como ofertas, o formato dos pousos nas fazendas e nas cidades, pagamento de promessas pelos mais crentes e até mesmo os trajes adotados pelos foliões de acordo com seu ofício na folia.

Outra característica que chama a atenção que também colabora ao campo do profano é a presença de ambulantes nas folias, tanto no giro da zona rural, como nos pousos e nas ruas da cidade as vésperas do dia 06 de Janeiro, dia em que se celebra o ponto auge da festa culminando com a data católica de Santos Reis.

Para Dutra (2009), a festa enquanto celebrada no espaço urbano tem maior predominância a lógica capitalista enquanto a celebrada no espaço camponês busca maior celebração da partilha contrariando por vezes o próprio sistema capitalista. Entretanto discordamos dessa análise, uma vez que, em ambos espaços a presença do capitalismo é notável, seja nas partilhas dos alimentos ou não, em circunstâncias do comodismo os devotos que recebem a comitiva de reis em suas casas recorrem ao comércio para comprar alimentos a serem distribuídos em forma de confraternização, aquecendo o mercado local, dessa forma em ambos os espaços, seja o urbano ou o rural, o dinheiro está presente, e sem ele é impossível ter uma festa tão farta e de tamanha magnitude, como declarada por moradores locais, a qual para muitos, orgulham de colaborar para a preservação da mesma.

Também do ponto de vista do capital, novamente retomamos aos mercadores que se fazem presente, seja os fixos como os comércios locais (bares, restaurantes, supermercados, mercearias, farmácias e padarias) seja os ambulantes (vendedores de bebidas, roupas, brinquedos, panelas e utensílios domésticos, relógios e importados), os dois grupos se instalam na cidade, nesse período, a fim de lucrar sob os turistas devotos que aqui chegam,

colaborando para maior circulação de renda na cidade, empregando alguns funcionários sazonais.

Porém alguns problemas surgem em decorrência das festas, a isto denotamos o aumento de Boletins de Ocorrência, registrados pela Polícia Militar, com crimes de roubos, furtos e agressões físicas, além de problemas de infra-estrutura urbana, como falta de banheiros, (estes vem sendo tomadas medidas paliativas com uso de sanitários provisórios químicos), aumento significativo de lixo nas ruas, principalmente nas proximidades onde é servida as comidas. Falta de água em decorrência do aumento significativo de pessoas colaborando para uma sobrecarga ao sistema de tratamento da concessionária.

As folias possuem alguns objetos ou personagens que denotam a sua singularidade, como a coroa, o galho, o palhaço, e os próprios foliões.

A coroa é um objeto de identificação, utilizado apenas no auge da festa no dia 06 de janeiro do ano corrente, feita de papel, é um símbolo usado pelo festeiro do ano que nos finalmente da festa é passado ao festeiro do ano subsequente. Esse rito de passagem ou de coroação, é realizado por meio de versos entoados pelo embaixador, ou capitão responsável por dar sentido a esse gesto de grande importância para a folia.

O galho é a bandeira feita de tecido e pintada ou silkada (ou processo de impressão semelhante), com a imagem dos Três Reis. Cada grupo de folias em Itaguari tem ou pelo menos teve em algum momento suas bandeiras, ou galhos de cores diferentes aos outros dois grupos do município. Atualmente a folia de reis do Brejo Grande e a Folia Goiana possuem dois galhos para cumprirem o giro enquanto a folia mineira possui um galho.

O palhaço é outro ícone da folia, inclusive aos turistas que por aqui se aventuram mais se impressionam com as particularidades dos palhaços do que com a própria companhia de Reis. Na análise feita foi observado que os palhaços representam os soldados do rei Herodes, que se fantasiaram a fim de enganar o rei e escoltar os Três Reis até o encontro do menino Jesus. Outra curiosidade é que apenas dois grupos de Reis de Itaguari possuem palhaços, sendo que sempre é ao menos dois palhaços por galho, apenas a Folia Goiana e a Folia Mineira, a Folia do Brejo Grande não possui, já que também esse grupo, diferente dos outros dois, cumpre seu giro a noite, segundo o saber popular, a noite não há ou houve a perseguição dos soldados, assim os Três Reis não precisariam ser escoltados até encontrarem o menino.

Os foliões têm algumas características distintas. No passado não muito longínquo, os foliões da Folia Mineira tinha uma hierarquização, cuja as “divisas”, eram evidenciadas por laços de cetim prendidas nas roupas com alfinetes, esse hábito hoje em dia é quase que esquecido.

Ambas as folias carregam alguns símbolos principalmente a Mineira e a Folia Goiana. Os foliões, cozinheiros, serventes utilizam toalhas, para os que atuam no pouso a funcionalidade deste ornamento está relacionado ao ofício da cozinha, enquanto aos foliões é um marco de identidade dos mesmos em relação aos demais que acompanham o grupo, quem usa toalha tem uma função na folia, seja instrumentista, cantor, embaixador alferes, etc.

A COMIDA COMO SÍMBOLO DA PARTILHA

Outro elemento em comum entre os grupos de folias, é a partilha da comida, em ambas, há o almoço, as pausas para o café, que quase sempre vem acompanhado de quitandas, bolos e até mesmo cachaça, e o pouso, onde é servida a janta e ocorre depois da comilança o forró, tema a ser explorado logo adiante.

A comida tem um fator simbólico muito forte, antes de ser servida passa por uma bênção dos foliões, que através das cantorias dedicam a devoção a Deus, aos Três Reis e a Maria, em gratidão pelo alimento prestado, pedindo também abundância para o pouseiro e a quem ali faz presente.

Uma análise mais minuciosa pode comprovar, junto ao jornal A Voz, da Cidade de Inhumas, Ed. De Fevereiro de 2009 e também junto aos balancetes da festa da Folia de Reis Goiana 2009, 2010 e 2011, um saldo do que foi consumido na festa: 25 vacas para carne, 15 porcos, 800 Kg de arroz, 200 quilos de feijão, 200 latas de 18 litros de doces. Segundo o balancete da festa os números nos anos subseqüentes só aumentaram como arroz chegando a 300 quilos e vacas um número superior a 30.

Com o crescimento da festa evidenciado ano após ano, há uma preocupação em alimentar tanta gente, a isso atualmente a folia conta com ajuda de comerciantes e empresários locais, fazendeiros, incentivos de governo com emendas constitucionais trazendo recursos ao município, além de doações feitas por devotos.

Vale ressaltar que toda a comida servida na folia não gera nenhum custo a quem dela se alimenta, ou seja, é toda de graça. São inúmeras refeições servidas entre os dias 25 de

Revista Científica FAI. ISSN 2526 – 6225 - Volume 3, Número 1, Ano 2018/janeiro a junho

dezembro a 06 de janeiro. Estes saldos citados acima são apenas os contabilizados no dia 06 de janeiro em uma única folia. Não se sabe o montante consumido pelos outros dois grupos nesse período.

A Folia Goiana e a Folia do Brejo Grande já saem dos seus pousos para o giro do dia seguinte com o almoço marcado ou então já o fazem ali mesmo no pouso do dia anterior de onde a folia irá sair. A Folia Mineira, de algum tempo para cá, perdeu seu costume e outro elemento fora incorporado em seu universo, de que pode girar até chegar em uma casa que ofereça o almoço, ou então não o fazê-lo em virtude de chegar mais cedo ao pouso, uma vez que a maior parte dos pousos da Folia Mineira ocorrem na zona rural, e a distância contribui para o atraso da companhia a seu destino.

POUSOS, MOMENTOS DE CONFRATERNIZAÇÃO, FORRÓ E ALEGRIA

Para a concepção do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (2004), a chegada em um pouso é sempre muito festiva.

Na verdade os pousos têm ao menos duas representações, uma o momento religioso, com o qual a folia chega, faz versos saudando os convidados, o pouseiro, o festeiro, os arcos (elemento presente no pouso durante o trajeto a ser percorrido até o presépio), o presépio e aí que é cantada a viagem dos Reis do Oriente até encontrar o menino Jesus.

A outra representação é depois das cantorias, quando já servida a janta, inicia um show com atrações artísticas, ou som mecânico ou automotivo, todas seguindo uma música dançante com gênero de forró.

O momento religioso representa a família do pouseiro um momento ímpar, é quando o dono da casa abre as portas para receber as graças dos Reis Magos, e em contrapartida lhe é ofertada descanso aos foliões, janta e a festa. Essa relação íntima entre o sagrado e o profano é que faz com que a folia seja uma manifestação tão peculiar distinta das demais que temos como sacras.

Os foliões depois de cumprida a jornada diária, e, ter entregue a folia (esse ato representado pela passagem da bandeira) estão a disposição da farra, inclusive as bebidas alcoólicas, muito restritas ao grupo da Folia Mineira durante o giro, no pouso é onde os foliões podem tomar sua cachaça sem se preocupar em não cumprir sua jornada, já que naquele dia ela já está cumprida.

O forró é uma atração a parte. Também a duração da festa e a animação, segundo moradores e pessoas que seguem a rotina das folias, é de acordo com a animação do pouseiro. Há pousos onde nem há o forró em virtude de alguém que esteja doente ou algum parente próximo que tenha falecido às vésperas.

No dia 06 de janeiro, ponto auge das três folias da região, existe uma grande apresentação artística, costumam reunir cantores locais para realizar os shows, inclusive a prefeitura tem arcado em alguns anos com as despesas do equipamento de palco, som e luz utilizado. Para a festa da Folia Goiana, é reservado um palco maior, instalado na rua de acesso ao centro de cultura e eventos municipal (feira coberta, local onde é servida a comida). Para a folia do Brejo Grande e Mineira dois palcos menores, devido os festejos de ambas se realizarem unicamente na zona rural.

Os festejos estendem até a madrugada, por vezes até o dia seguinte, onde muitas das vezes o sagrado da folia é deixado abrindo total espaço à perduração da festança por meio da música e da dança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou levantar algumas questões pertinentes a História cultural, no universo das Folias de Reis no município de Itaguari. Uma das questões de maior enfoque desta pesquisa foi compreender como as folias de reis carregam elementos da cultura e dos saberes populares, como ela se relaciona do campo com o sagrado e com o profano.

Tratamos de vários aspectos como os objetos sagrados, a comida, a mercantilização da festa e participação popular.

As concepções teórico-metodológicas foram com base em autores do campo da história e da antropologia, justificando assim como se torna viável essa produção.

Enquanto resultados, compreendemos que esse trabalho possibilitou uma melhor interpretação da folia do ponto de vista da história, analisando e descrevendo por meio de análise de produções bibliográficas existentes e observações minuciosas dos eventos, contribuindo para o campo científico das ciências humanas.

REFERÊNCIAS

Balancete da Folia Goiana 2009, 2010, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BRAGA, R. S., KAMIMURA, A. M. *A importância da Folia de Reis como tradição identitária do município de Canápolis – MG*. Revista Católica, Uberlândia 2010.

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. 3 ed. Lisboa Portugal: Edições 70, 1987.

BRANDÃO, De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

GONZAGA, Agnaldo *Divino Milagre e Castigo: mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO*. UFG. 2017.

JORNAL *A Voz de Inhumas*, 30 de janeiro de 2009. p.04.

BURKE, P. *História y teoria social*. 1. Ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

DUTRA, Magno Florentino. *Folia Mineira de Itaguari-Go: versos que emanam poder e saber em um ritual do catolicismo camponês*. Monografia de final de curso de graduação. UEG. Goiás, 2009.

FALCON, Francisco. *História cultural: uma nova visão sobre a história e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VIANNA, Leticia. Patrimônio Imaterial: novas leis para preservar... o quê?. In: *Cultura popular e educação*. SILVA, René Marc da Costa (org). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.